

Grupo revive Missão Humboldt

ANDRÉ ABRAHÃO

LUCIANA VIEIRA DE SOUSA

Floresta, rios, animais e índios. Esse cenário pode lembrar excursões turísticas pela Amazônia, mas trata-se de uma das mais importantes expedições científicas que será iniciada hoje. A Missão Humboldt, em homenagem ao pesquisador alemão que fez o mesmo percurso em cinco anos no século XIX, reunirá uma equipe multidisciplinar com 49 pesquisadores, 39 deles da Universidade de Brasília, organizadora da expedição, em parceria com a Universidad Simon Bolívar, de Caracas, que participará com 10 cientistas.

A viagem permitirá que historiadores, biólogos, astrônomos e geógrafos, entre outros cientistas, realizem trabalhos que contribuam para o desenvolvimento da Amazônia. Os professores percorrerão a selva de barco, desde o delta do Rio Orinoco, na Venezuela, seguindo pela bacia amazônica, até Belém, passando por São Gabriel da Cachoeira, na fronteira com Colômbia e Venezuela. Após a expedição, que vai durar 65 dias, serão produzidos documentos e palestras em vídeo, além de publicação de livros sobre o assunto.

O resultado da expedição não será aproveitado apenas por alunos e professores da UnB, já que serão realizados estudos inéditos de interesse



CIENTISTAS farão itinerário percorrido em cinco anos pelo pesquisador alemão

público. Os pesquisadores vão, por exemplo, trazer sementes de várias plantas nativas da Amazônia. Entre elas, o cacau, que sofre ataques do fungo vassoura de bruxa, responsável por grandes prejuízos no seu cultivo. O material será levado ao Centro de Pesquisas da Embrapa, no Distrito Federal, para a identificação de fungos e bactérias.

A expedição custará R\$ 200 mil e os recursos são provenientes da Fundação Universitária de Brasília. Mas o valor real da viagem, segundo os coordenadores, é R\$ 600 mil. O restante está sendo financiado por outras institui-

ções, como o Exército, que ficará responsável pela hospedagem, além do Instituto Nacional de Pesquisa Agrícola, Ministério do Meio Ambiente e outras universidades.

O coordenador Victor Leonardi destaca que a pesquisa é necessária para a conscientização dos brasileiros sobre a importância da região amazônica. No aspecto político, a expectativa é de que seja fortalecida a preocupação em torno da região.

Para os pesquisadores, a expedição é uma experiência ímpar em suas vidas. A historiadora Isabela Fagundes sente que entrará em um ou-

tro Brasil. "Estarei em contato com grupos humanos distintos ainda desconhecidos para a maioria da população", diz. Isabela fará o registro do artesanato, construção, habitação e economia da população ribeirinha do Oiapoque.

O reitor da UnB, Lauro Morhy, informou que essa experiência será a porta de entrada de novas expedições de grande porte, apesar deste ser o centésimo projeto desenvolvido na região amazônica. A expedição tem significado histórico, cívico, científico e cultural. Ao retornar, cada cientista fará um relato sobre a viagem.